



Caixa preta

Nilson Galvão

Para: Emília e Caio, meus amores. Meus pais, Pedro e Zilda. Dodó, Ção, Joāozinho, Néia, sobrinhos, tios, primos, cunhados, Luísa, JR, Dona Lícia, Dona Olga e o gato Chico: minha família. Maria Sampaio: gratidão. Marcus Gusmão e Ana Lívia, pelo carinho e pelo marquetingue. Rogério Palmeira, primeiro leitor. Os amigos todos. Os é-amigos que ajudaram a tornar realidade esse livro: Aeronauta, Miro Paternostro, Chorik, Ivonete Moniz Pacheco, Janaína Amado, Gerana Damulakis, Kátia Borges (Madame K), Martha Galrão, Bernardo Guimarães, Renata Belmonte. Márcia Rodrigues: gostaria que você estivesse aqui.

Sumário

Poema de uma linha só 3	Huno 26
Arqueiro 3	O menino chora 27
Um crente 4	A criança insiste 28
Sem fim 5	Poesia pra quê 29
Saara 6	Epístola aos crentes e aos não crentes 30
Substantivo 7	Poetas morrem cedo 31
Stanley Kubrick 8	Desde que não durma 32
Sem ideia 9	Balança 33
O vāo das coisas 10	A vida não é romântica 34
Caixa-preta 11	Barato total 35
Pensa, Whitman 12	Cachorro velho 36
A palavra coisa 13	Saturno 37
Cantiga de crer 13	Um dia sem dúvida 38
Clareza 14	Sábios blues 39
Outubro 15	Desenho animado 40
Paralelepípedo 16	Li Po 41
Uma tarde um Natal 17	Billie Holiday 42
Comer e beber 18	Homem subindo a ladeira 43
Aleivosia 19	Morte 44
O segredo 20	Por aí 45
Televisão 21	Manifesto 46
O coração mole das pedras 22	Como diria Nostradamus 47
Esses dias 23	
Crendo, crendo 24	
Epifania 25	

Poema de uma linha só

Leveza, nessa vida, é a linha de partida.

Arqueiro

Deixe que o silêncio
venha, roce tua pele e
ouça: tudo que teu
coração. Deixe que o
silêncio saiba, nada
que não seja muito,
vozes em teu colo e
nunca, dardos na
escuridão. Deixe
que teu corpo arco,
que esse nada que é
teu corpo flecha, que
esse vão que no teu
corpo presa, que se
espreita sem qualquer
razão.

Um crente

Sou o veículo dessa história
qualquer em meu coração
sem prumo. O destino se esqueceu
de mim: sem destino quase não saio
de casa, a não ser por aí para
surpreender uns acasos, uns achados,
uns dados, umas ideias, três ou quatro,
sem dono e sem segundas intenções.
Fui talhado para o esquecimento, sua
glória eterna, o esquecimento, seu
dom divino, seu cristal de brilho
turvado por toda a luz possível e a
treva possível, e a beleza e o horror,
e este ser onde as palavras se
perdem por extensos labirintos de
desejo sem alvo. Alvo de um desejo
sem alvo: sou um arauto do fim.

Sem fim

Quando formos ao rio de Heráclito,
vamos perguntar pelo que pode ser.
O que pode ser meu caro Heráclito,
o que pode ser, rio de mim.

Como pode uma tarde de sábado,
ou um rio de janeiro sem fim,
ou as águas de março no âmago
desse rio vermelho carmim.

Saara

Sou um homem condenado ao novo século,
homem de fé duvidosa
neste novo século. Sou um homem de séculos
atrás, adiante, sem tempo, esse medo
sem tempo, esse frio de madrugada sobre
todo o Saara, o Saara meu espírito velho
desordenado de batalhas pueris
pelo bem, pelo mal, pelo céu, pelo chão,
caminho chão, caminho chão, caminho
chão. Sou de todas as maneiras e não sei
qual delas me redimirá, meu erro de ser
e de querer sê-lo, meu fundo mergulho
no sonho de areia, de vento, de sol,
de silêncio, de sede, de sorte, de assombro,
de canções intermináveis entoadas de si
para si.

Substantivo

A memória carne meus dedos,
o silêncio nuvem meus olhos,
o martelo folha meu couro,
e poeira meus lábios, e parede
meus pés, e cascalho com um gosto
de quem músculo, e líquido.
E eu caderno meu sangue.

Stanley Kubrick

Toda a vida vai passar na tua frente
como um filme de Stanley Kubrick.
A infância, o que tramou,
a juventude, o que tramou,
e o sonho de amadurecer
e envelhecer tentando não se render.

Toda vida poderia ser um filme de
Stanley Kubrick: quem é que vai te segurar
quando for grande o medo
de flutuar?

E se a vida de repente for um filme de
Stanley Kubrick? E tudo aquilo que sentimos
não for nada que sentimos, na verdade estiver
longe daqui?

Sem ideia

Algo entre o céu e a terra
que não seja vâo: quem sabe
partir sem ideia, para onde? Para
o destino que sempre há, embora
se move, o destino, mude de forma
a todo momento, evite qualquer
compromisso com esperanças
quaisquer. E nunca se chega
propriamente ao destino porque
danem-se os planos, ele diz,
vamos fazer outra coisa,
escolher ou ser escolhidos,
ou ambos, o destino brinca,
é a única verdade a seu respeito,
ele brinca, gosta de bancar
o dramaturgo enviesado:
geniais viradas da sorte
multiplicando a emoção,
o sentimento, criando climas,
colhendo revezes e ao invés. Por isso
a forma sem ideia com que se
apresenta, a improbabilidade,
a graça-desgraça,
a vertigem do seu longo
desvão.

O vāo das coisas

Todo intervalo, toda pausa, algo em tudo
[denuncia
o vāo. Onde não somos e no entanto ousamos
caber. E é inútil saber.
Quem, afinal, poderá dizer de que é feito esse
[poroso
espírito, de tempo-espacō ou que porréessa de
[física
quântica nova metafísica pra explicar o fundo
erro de quem sabe deus, profundo oco, deus,
um velho nome pra vertigem de sempre, deus,
o dono do circo, lona furada, trapézio, joelhos
[inchados,
mágica de almanaque, de araque, malabares e
[a graça
do palhaço que intui: toda a turnê da
[companhia
não passa de dramalhão. Um único ato em vāo
[E nem pense
em niilismo. Não se trata de nada: é de tudo
[que se trata.

Caixa-preta

Coração, caixa de guardar
o que em seu couro
repercute. Caixa do peito,
invólucro do tempo, ouve
o relojoeiro maluco, que nada,
que tudo, que nada, que tudo,
que nada, que tudo.

Caixa de abrir-se diante da ciência
e negar-lhe a verdade, se o gato
morreu, se viveu, se morreu, se viveu,
se morreu, se viveu. Coração caixa oca,
bumbo da crueza, bumbo da beleza,
bumbo da incerteza.

Pensa, Whitman

Pensa, Whitman, a poesia triunfou.
O homem só pode viver do que sonha,
e de sonhos é composta toda a trama
que há em volta. Toda maravilha
do mundo.

Calcula, Whitman. Toda a extensão do teu
[amor]
não abarca a extensão do que veio e virá
para além dos teus versos. Mas
o amor, Whitman, foi inventado pela poesia,
e a ela deve tudo. A poesia
triunfou.

A palavra coisa

A palavra coisa, que estranha:
feito objeto sem forma.

Cantiga de crer

Creio em deuses sutis
que podem bem ser um
e ser mais, que podem
ser apenas a luz, ou essa
falta de, essa não. Creio
em deuses senis, em
outros pueris, colibris.
Creio na salvação, na
minha, e na de qualquer
irmão. Creio no meu
amor, e ainda no de
seja quem for. Creio
quase sem crer, como
se fosse assim por
prazer.

Clareza

É chegado o tempo da beleza fora da beleza,
da fé além da fé,
do poder sobre os escombros do poder.
Hora de esquecer a história como lhe
[contaram,
e recontá-la como tem que ser.
Palavra por palavra,
a paixão e a ternura em cada sílaba.
Friccionar as palavras,
esfregar-lhes o bojo até sair o gênio.
Três vezes desejar uma só coisa:
clareza, clareza, clareza.

Outubro

Outubro se fez de sol
e de chuva, de flores,
de lágrimas, e se fez
distante, densa memória,
memória frágil. Outubro
se liquefez, e então escorreu
no relevo dos dias, das horas
e do tempo fora do tempo,
onde tudo havia: cenas de relance,
narrativas inteiras e décadas
inteiras com suas curiosas
imprecisões. Outubro foi
guardado no bolso, como um
pacote de maravilha letal, insondável,
condensada. Vestimos outubro,
calçamos outubro e nos preparamos
para depois, e depois e depois
de nós mesmos.

Paralelepípedo

É claro, é noite: preciso dormir e
nem sei dormir se me dou conta.
Meu coração faz acrobacias
noturnas, mente meu
coração faz inúmeras, insolúveis.
Ruído de motor lá fora,
ruído de máquina. Eu,
máquina, espero pelo sinal
qualquer um: hora de
voltar à infância e rever o cachorro
velho a perseguir os carros por
toda a rua, nada além do fluido
alcance da corrida infindável,
rua para sempre, crispada de todo
paralelepípedo.

Uma tarde um Natal

Acho que era uma tarde
de dezembro como todas as
tardes costumam ser quando se
espera pelo fim, o fim de
dezembro e o novo, e o novo.
Acho que nos deixamos levar
por um excesso de ironia, talvez,
e não fomos às compras e muito
menos ficamos assim, sentimentais.
Era uma tarde dessas de
dezembro e zombamos
da vida como quem olha de dentro
dela, não de fora. E desse
ângulo pareceu evidente
que a tristeza era o artigo luxuoso
de todas a festas. E rimos disso
também: bobagem também.
E nos demos conta de que era Natal,
mas essa história toda
logo passaria.

Comer e beber

Gosto de dormir tarde,
de acordar cedo, gosto
de dormir e de acordar.

Gosto de comer a vida
e de beber a morte no
mesmo jantar, gosto
de sentar à mesa
sem comer ou beber.

Gosto de deixar caírem
os pingos de chuva,
gosto de colher a chuva
inteira em minha taça
ritual e não beber: guardar
para sempre e derramar o
conteúdo para sempre
sobre os homens. Gosto
de pensar em pessoas
cheias até a tampa,
a transbordar sobre
outras pessoas feito
uma grande pirâmide
de taças. Gosto de pensar
em pessoas vazias à espera
de comida e de bebida.

Aleivosia

Cuidado com tudo isso
que não te espera,
que tudo isso que não
te espera nada mais é
que teu fado: e eis que
vem vindo algo mais
que à noite não sevê, não se
distingue na floresta
das visagens, das insônias,
dos meandros deste ser
que se desvela.

Cuidado sobretudo com
as palavras que deixaram
de existir.

O segredo

Ainda que acredite não saber,
eu afirmo: você sabe,
desde o começo você sabe,
desde as cavernas e aquém.

O segredo é precisamente
assim: de alguma forma
você sabe, e, seja como for,
isso não faz diferença alguma.

Televisão

O que é indubitavelmente seu:
defeitos ou qualidades cotidianas,
como acordar cedo, ou tarde,
consertar trecos,
ter chulé, mau hálito
ou roncar. Idiossincrasias, enfim.
Já o dom, o que quer que você faça
ou tenha de extraordinário
não é seu de forma alguma, mas
uma substância que permeia,
paira, e chega até você por uma
antena como essas de televisão.
E daí que sintonize melhor que
o vizinho? Restaria o que, se
de repente interrompessem
a transmissão?

O coração mole das pedras

O coração mole das pedras
clama por humanas incursões:
magma, gaia, galvanizáveis
emoções ultra-terrestres,
rochas hipnóticas em busca de
pessoas firmes o bastante para
quebrá-las, flexíveis o bastante
para fazê-las bailar.

Bloco de granito no espaço, o
planeta nos viu assim,
desde o começo: martelos e formões
capazes de ferir, de abrir cicatrizes, de
dar-lhe formas novas embora com dor,
por amor ao certo, ainda que talvez
inadvertidamente.

Esses dias

Têm sido raros os teus dias,
sinto na pele teus dias
inteiros, aqueles preenchidos
com vertigens e outros indícios
de delicadeza quase fuga
pros arredores dos nossos
umbigos. Penso em dias como
os teus e eles brilham todos os
dias, capaz de chover e fazer sol
e depois os dramas crepusculares
e essas noites amenas e as
madrugadas, sobretudo aquelas
dessa lucidez incontrastável
do amanhecer.

Crendo, crendo

Todos deveriam deixar de saber
um dia. Nossas ideias esquecidas
numa caixa de guardados
sem uso, nossos corações em dúvida.

Todos deveriam deixar de sonhar um dia.
Nossos destinos verdes de se cumprirem,
prontos para ouvir as canções do tempo,
canções de vida ou de morte,
de amor e desamor e desordem.

Todos deveriam errar pelo mundo,
errar, errar como doidos.

Errar de si mesmos: a sorrir, enternecidos,
diante de pistas falsas, do brilho das pistas
falsas, da ingenuidade mesma das pistas
falsas. Todos deveriam crer em coisas incríveis
como os olhos de ver e a beleza de se ver com
esses olhos de ver e se fazer inteira como um
milagre ou um grande choque para sensibilidades
frágeis, habituadas apenas a olhar em volta e a
reconhecer, como se fosse mesmo possível isso de
reconhecer. Todos deveriam, com urgência,
deixar de saber.

Epifania

Claro que sim, claro que não.
Minha dor, ardilosa, dilui-se às vezes.
O amor que trago me concebe
às vezes. Quanto a mim, são palavras
as vozes que escuto. Palavras ditas por
anjos e demônios, que sou anjos e
demônios descrentes de crer. Peço
que não me conjure enquanto durmo,
enquanto circula a delicada substância
dos sonhos. A instável substância
encapsulada, a torrente incalculável
que explodiria se trincasse o vidro,
se a dor destravasse. Tenho parte com
tudo. Nas horas vagas me esqueço
de tudo.

Huno

Não distingo flores de ervas daninhas,
não distingo sombras
de clareiras, não quero ser o que esperam,
porque sou a surpresa
de sempre.

Huno, meu peito quer ir o mais longe
possível, vencer estepes, montanhas,
dançar a morte nos prados, minha morte,
a morte em si, cavalgar o pavor, bancar
o flagelo, toldar o império, ir a Roma,
arrebatá-la, consumi-la, deixá-la.

Perplexo bárbaro, surdo estribilho,
veio de tudo, huno desígnio,
carne que brota
do chão.

O menino chora

O mundo gira, o menino chora:
dói o menino, onde mesmo será
que ele sente essa falta, e se sente
essa falta quem sabe girar pra saber
que ela dói, que ela dói, que ela
dói mas é breve,
tão breve quanto o mundo
que chora.

A criança insiste

Talvez fosse tão cedo quando nos despedimos da infância – e ela tenha ficado, afinal, com aquela ânsia tão conhecida por continuar nas coisas desse jeito sem rodeios das crianças quando são. Talvez por isso tenhamos sentido, todos os dias desde esse dia, algo como um súbito desejo irrefreável de deixar a criança decidir.

Poesia pra quê

Não se cria um deus num quarto
de dormir; um poema, sim.

Não se cria um estado debaixo
do chuveiro; um poema, sim.

Não se vai a Marte num piscar
de olhos, mas se vai num poema.

Não se conjuga a beleza e o horror
com um gesto apenas; mas isso se faz
com um poema. Ninguém se rende à
história, mas ao poema, sua carne
alucinada.

Epístola aos crentes e aos não crentes

Estamos sempre de volta a
deus-seja-lá-o-que-for. Nos liberta,
nos oprime essa ideia de
deus-seja-lá-o-que-for. A tarde brilha
de beleza sem propósito – haverá
necessidade de deus? A tarde vai embora
e a noite – será de deus o mistério da
noite? Será deus? Meu coração se despoja:
meus olhos se despojam: estou sempre à
espreita de deus-seja-lá-o-que-for,
e às vezes há pistas muito quentes,
às vezes não. Jamais diga: deus não
existe. Muito menos: deus existe.
Não existe, existe. Está onde não está.
A grande invenção do homem;
sua maior tolice. E, claro, não mate
por deus: é sumo pecado matar por
deus.

Poetas morrem cedo

Às duas da manhã, para ser exato.

Tarde, é certo, para quem não dormiu ainda.

Por que morrer? Assim, de repente?

Porque se morre, é o que sabemos. Um pouco
[a cada segundo.

Poetas morrem, de madrugada, a morte sutil
[dos inviáveis.

Fundem-se, num amor absurdo, à irrelevância
[do ser, sob a grande abóbada
do infinito ao redor.

Poetas são uma prova da reencarnação: pois
[vivem, após tantas mortes.

Desde que não durma

Tenho visitado um velho mito recôndito:
a inocência. Mergulho em doloridas paisagens,
vasculho sereias, cavo túneis, corto os bairros
proibidos à espreita de sangue inocente: uma
[pessoa
que seja, capaz de entender linguagens arcaicas
ditas em horas vagas de dias vagos de eras vagas de
corpos vagos.

Evoco a inocência, e ela vem vazia: pronta para
[encher-se
de tudo, para corromper os olhos mais velhos da
[terra, para
dizer qualquer coisa em qualquer língua, viva ou
[morta,
baixar em bichos, pessoas ou seres inanimados
como os acessórios de toda gente.

Santa inocência nos revólveres, nas fitas
[pornográficas, na cruz e nos livros de
filosofia, santa inocência pra quem sabe um dia
[cuja noite seja
um dia cuja noite se afirmou.

A ignorância dos insones: sua dificuldade ante a
[evidente limitação da vigília:
[luta perdida por quem gostaria de não
[desgrudar da realidade
[aí fora nem um minuto, de nem por um
[segundo perder o espetáculo,
[de por nada colapsar quando é de colapsar
que falam os atos dos homens, quaisquer atos, de
[quaisquer.

Uma fome danada, a inocência.

Balança

12 quilos mais magro que há nove anos,
16 quilos mais gordo que há quinze anos,
alguns anos mais jovem que tempos atrás,
muitos anos depois de ter ido
pela primeira vez ao poço,
mais ingênuo que de costume,
menos que gostaria,
um tanto inexperiente, outro experiente,
velho a caminho da morte como todos nós,
e como todos, novo, inapelavelmente novo
a cada mudança de pele.

Pronto para ir, desprevenido no entanto
para ir em circunstâncias não imaginadas.
Ir à praia, ir à montanha,
ir ao enterro de umas ideias,
ao nascimento de seres sem ideia.

Alguns milímetros mais alto ou mais baixo,
a depender da fita métrica.

Alguma gordura preservada no abdome,
para o caso de ficarmos
sem provisões no inverno.

A vida não é romântica

A vida não é romântica, aliás a vida
não assiste à novela, não vê graça
em pessoas felizes para sempre
ou infelizes para sempre.

A vida às vezes gosta daqueles filmes
europeus ou japoneses em que nada
acontece. Às vezes, vá lá, tem uns filmes
americanos em que pelo contrário há
peripécias em cascata e sim, a vida
aprova, sorri satisfeita sentada no
sofá da sala, a vida, ela mesma,
que aliás não é nada burguesa
como faz supor o sofá.

A vida tampouco é proletária,
e aristocrata muito menos.

Que seja grega, india, hebréia,
ela é antiga de qualquer sorte.

A vida também não é trágica:
talvez se contente em ser assim
uma despojada anedota
de salão.

Barato total

Supermercado, meu corpo desliza
de desejo em desejo. Sorria, você
está sendo filmado pelos olhos
amorfos displicentes da verdade
esse rótulo. Pagarás por tudo quando
for chegada a hora. Nada levarás
se nada tiveres. Eis o mistério
da fé.

Cachorro velho

Sou cachorro velho, fecho
os olhos e sou cachorro velho.
Crio carapatos. As feridas coçam, e
da minha boca escorre
saliva de cachorro velho.
Escuta meu coração cru
de cachorro velho.
Escuta meu coração cruel
de cachorro velho.

Saturno

Só o que esconde
é verdade, e eu que me
exponho desvelo desnudo
não sou
de verdade
não sou,
veja bem, é bem tarde,
mais tarde que o dia
jamais ousaria, passei
de mim mesmo, cheguei
à janela no claro no escuro
no ermo no vário,
nem tudo me explica,
nem tange, nem tenta,
nem mexe comigo meu
santo pagão cujas dores
eu sinto. Se é noite
eu não minto.

Um dia sem dúvida

Ando pelas horas e inauguro o tempo, conjuro
frações de segundo, milhares de anos.
Rendo-me, no entanto, ao dia,
sem relógio, sem calendário,
sem dúvida.

Sábios blues

Um dia, quando formos à praia
surfaremos na onda escarlate
de um mar feito vinho,
difícil saber.

Seremos tragados por vagas de espumas
diremos que o mundo é um porre,
é demais.

Faremos apostas pelo fim dos tempos,
daremos um jeito, durante o mergulho,
de sermos banais como todos os seres
que somem na areia, na areia sem dono
sem deus, sem razão, sem fazer do desejo
essa cruz.

Seremos criaturas expostas ao céu.
Faremos milagres sem dó nem piedade.
E demonstraremos que o vento é fiel.
Fiel aos apelos da pele que arde.

Sábios blues, blues de sábios.
Sábios blues, blues de sábios.

Assim falou o cara embaralhando as cartas,
e assim se fez.

Desenho animado

Coração quente, coisa maluca,
Inclusive não creio em deus
ultimamente,
minha religião é um rascunho de outra
que se reinvente,
se é que me entende: ateu que nada,
encharcado de deus,
mas querendo dar um tempo
pra ver como é que fica.
Minha religião
não vinga.

Li Po

Brindávamos com
a substância do tempo;
o poeta evocara o sorriso
da dançarina
meio embriagada.

Nada melhor que tal vertigem,
ele disse, nada como sorver
todos os dias, inteiros,
até o último gole
da noite.

Billie Holiday

Você disse Billie Holiday,
meu coração parou
no meio do compasso
dessa noite. Meu coração é só
batuque e festa,
meu coração é só
batuque e flerte,
meu coração se foi
na multidão.

Homem subindo a ladeira

Homem subindo a ladeira,
melhor nem pensar em distrair
seus músculos que sobem.

Tônus, ó deus tônus, divindade
não-dita dos iogues,
protegei o homem que sobe.

Tônus, ó deus tônus, subir
é divino, descer também,
mas bem menos.

Homem subindo a ladeira,
cereja do bolo depois de andar tanto.
Andar por aí, por dentro e por fora
de si.

Morte

A morte, intransponível, no entanto nos visita.
E dizemos deus, e dizemos tempo,
e dizemos nada.
E nada não é coisa que se diga, se ela existe.

A morte, incontrastável, entretanto nos
[conforma.]
E ganhamos deus, e ganhamos tempo,
e ganhamos nada. E nada não podemos obter,
se ela é plena.

Por aí

Ando pelo meio-fio meio
sem jeito para o próximo
passo, quem sabe cair da
calçada para a rua – buraco
do mundo, rua de enxurrada
de levar tudo pra longe, bem
longe, onde tudo termina
perdendo senso, direção,
fim. Quem sabe cair da
calçada para dentro de
casa essa casa oca, ideia
de casa plantada na terra
de ninguém, mas ninguém
mesmo: só eu, no meio-fio,
entre essas e outras curiosas
hipóteses.

Manifesto

E nesse gesto imperfeito
de pequenos microscópios
exercícios, lacerar com
palavras o que sevê e o que não.
E nesse gesto imperfeito
seguir.

Eu vejo aquém

Você não sabe, eu vejo aquém,
aquém da minha pele.

Você não sabe, eu sei.

Pode ver o que eu não vejo, ver além,
mas aqui, de onde estou,
eu vejo assim.

Enxergo fósforos acesos aqui dentro,
faíscas infinitesimais
que podem bem ser o estopim
do próximo big bang.

Você não sabe, eu sei
o que explode antes
de sair.

Como diria Nostradamus

Tudo é imprevisível,
o passado sobretudo.

Copyright 2009.

Todos os direitos desta edição reservados à P55 Edições.

Coordenador da Coleção
Claudius Portugal



Projeto gráfico
Edição / Capa
P55 Edições – André Portugal e Marcelo Portugal

Editoração eletrônica
Carla Piaggio

Foto do autor

...

Normatização Bibliográfica
Maísa Menezes de Andrade

Impressão
Cartograf

172 Galvão, Nilson
Caixa Preta. / Nilson Galvão. — Salvador : P55
Edições, 2009.
48p. — (Coleção Cartas Bahianas, 1)

ISBN: 000-00-00000-00-0

1.Literatura Brasileira – Poesia. I.Título. II.Série.

CDD 869.91



Av. Tancredo Neves, 1485. Sala 1301.

Ed. Esplanada Trade Center

Caminho das Árvores

Salvador, Bahia, Brasil.

Telefax: +55 (71) 3272-2000

www.p55.com.br